

O dia em que o Brasil foi feliz

O motorista de táxi José Vasconcelos Calado fez questão de transformar os quatro filhos em testemunhas de um espetáculo ocorrido pela última vez quando a primogênita Luciana, de 11 anos, não era sequer um brilho nos olhos do pai: a eleição de um presidente da República pelo voto direto do povo brasileiro. Enquanto os três irmãos — Luciene, de 10 anos, Angelita, de 9, e Tiago, de 7 — permaneciam encostados à parede de uma sala escolar improvisada em seção eleitoral, no bairro paulistano de Capela do Socorro, Luciana ajudou o pai a votar.

A jovem aprendiz de eleitora segurou a mão de José Calado no momento em que ele assinalou com um x o quadro ao lado do nome do candidato Paulo Maluf. Há alguns anos, quando trabalhava como prensador numa fábrica de celulose, um acidente levou-lhe três dedos da mão direita — e ele já não consegue, sozinho, empunhar canetas com firmeza. Mas foi em tom firme, afetuosamente firme, que repeliu o unânime apelo dos filhos para que mudasse seu voto. “Vocês têm de respeitar minha vontade”, ensinou. Era a primeira vez que o cidadão José Vasconcelos Calado, de 44 anos, tinha a chance de manifestar sua vontade política numa eleição do gênero. As quatro crianças talvez sejam ainda demasiado jovens para alcançar o exato significado histórico deste 15 de novembro. Mas José Calado sabia perfeitamente que estava vivendo um dia muito especial.

Se esse tímido eleitor paulistano traía apenas no olhar a emoção tantos anos reprimida, outros milhões de cidadãos se valeram de virtualmente todos os sinais incorporados aos códigos da alegria para informar que o dia era de festa. Ontem, multidões de risinhos brasileiros gritaram os nomes de seus candidatos, cantaram as músicas popularizadas no horário eleitoral gratuito, agitaram bandeiras, fizeram batucadas, dançaram nas ruas. E foram às urnas com a volúpia de quem emerge de um longo jejum: emblematicamente, não houve um único voto bran-

co nem qualquer cédula anulada na primeira urna aberta no País, em São Vicente, no litoral paulista.

Não foi preciso exibir título de eleitor para entrar nessa festa. Milhares de crianças, levadas pelos pais ou pelas próprias pernas, conheceram as urnas que um dia receberão seus votos, foram iniciadas nas técnicas de sedução dos cabos eleitorais, engajaram-se em celebrações — receberam, enfim, uma lição inesquecível de democracia. Começaram a aprender, por exemplo, que a tolerância é essencial, e que é possível o convívio dos contrários.

Afinal esquecidas as divergências cultivadas ao longo de uma campanha aquecida por duelos entre os chefes — e compreensivelmente agravada pela inexperiência de um eleitorado desabituado a eleger presidentes da República —, os adultos mostraram nas ruas que a festa era de todos, porque a democracia fora vitoriosa, e a democracia não é propriedade dos candidatos vencedores. Ontem, durante o dia inteiro, a Avenida Paulista transformou-se num comovente ponto de convergência de brasileiros que haviam votado em diferentes candidatos. Cada bloco, democraticamente, seguia gritando nomes distintos. Mas todos exibiam o mesmo sorriso. Todos estavam com a cara do Brasil

Se já era difícil imaginar que os brasileiros pudessem conformar-se com a decretação de novos jejuns eleitorais — sobretudo jejuns que se medem por décadas, como o encerrado neste ensolarado 15 de novembro —, depois de ontem a hipótese de outro mergulho nas sombras parece inimaginável. Os brasileiros com mais de 16 anos não admitirão renunciar à emoção revisitada ou só agora conhecida, e as crianças com certeza perceberam que a idade adulta inclui prazeres insuspeitados — votar para presidente, por exemplo. Pequenos brasileiros viveram o 15 de novembro como gente grande. Gente grande emocionou-se como uma criança que ganha um brinquedo novo.

Pelo menos por um dia, o Brasil foi feliz.

